

## *TINEAE ET BLATTAE: A PROPÓSITO* DE INSETOS BIBLIÓFAGOS NA LITERATURA

ARMANDO SENRA MARTINS,  
*Univ. Évora, Centro de Estudos Clássicos (UL)*  
ORCID 0000-0002-0548-7132  
adsm@uevora.pt

Os insetos bibliófagos que se associam aos livros pela pior das razões tornaram-se eles próprios um tópico literário que enuncia questões vitais em torno da literatura e da criação literária. Na verdade, um autor e os insetos bibliófagos estão em planos opostos, pois enquanto aquele cria a obra, estes são o seu agente destrutivo.

Começemos por recordar a epístola de Horácio que encerra o seu primeiro livro e que contém uma apóstrofe do autor à sua jovem obra, personificada por meio de uma linguagem de conotação sexual. Com efeito, o livro é apresentado como um jovem escravo ansioso por colocar-se em exposição (*prostēs*) no *uicus Tuscus*, rua que parte do Fórum em direção ao Circo Máximo, conhecida pelas suas livrarias, mas também como lugar de prostituição.<sup>1</sup> Recordemos também um epigrama de Marcial que abre o livro 11 e que retoma de Ovídio a apóstrofe do autor ao *uolumen* no momento da publicação. Antecipando uma completa indiferença ou desadequação de gosto por parte do público, Marcial diz ao seu livro que, pelos lados do pórtico de Quirino, do pórtico de Pompeio e do pórtico dos Argonautas, poderá haver dois ou três potenciais leitores capazes de lhe afastar as traças.<sup>2</sup>

Também na literatura do Renascimento tais insetos, *tineae* e *blattae*, são presença assídua, principalmente em cartas-prefácio ou cartas dedicatórias.

Poliziano, na carta dedicatória da sua correspondência dirigida a Piero dei Medici e datada de 1494, tece considerações sobre o género epistolar e a sua natureza miscelânea:

Non scripseram videlicet ad hoc, ut in unum corpus referrentur, sed ad usum prasentem duntaxat, oblati argumentis, non quaesitis. Ita nec exempla mihi retinui, nisi quarundam (puto) minus felicitum, quae diu iam cum blattis et tineis rixabantur.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Sobre essa sátira ver a edição de Mayer 1994 ad loc.

<sup>2</sup> Marcial, 11. 1 (na tradução de Delfim Ferreira Leão et al. 2004).

<sup>3</sup> Poliziano 2006, 1. 1: 2.

Não escrevera as minhas cartas com este fito, i. e., para serem reunidas em um *corpus*, mas apenas em ordem à necessidade imediata, com os temas que se ofereciam e não com temas que tivesse procurado. Por essa razão, não tinha guardado cópias para mim, exceto de algumas menos felizes (julgo), que já há muito se debatiam com vermes e traças.

No fundo, vermes e traças confirmam com a sua destruição a ambiguidade valorativa com que o autor olha para a sua obra no momento de a publicar: tão digna de ser publicada como seria de ser destruída.

Já nos *Adagia*, Erasmo regista a expressão *tineas pascere* (servir de pasto aos vermes) e o contexto em que se aplica, a saber, vestes e livros guardados e sem uso.<sup>4</sup> Como abonação o humanista cita os versos de Horácio e de Marcial.

Mas em Erasmo a expressão desenvolveu-se e é frequente na sua correspondência. Recorde-se, primeiramente, a carta a William Warham, arcebispo de Cantuária, que é um pequeno tratado sobre as atitudes em relação ao livro e à cultura escrita ao longo dos tempos. Erasmo que vê em Warham o modelo de homem renascentista que aliava à sua atividade de político e homem de estado o interesse pela cultura enuncia o valor que a literatura deveria merecer até nas igrejas onde as relíquias são veneradas e os livros votados à incúria.<sup>5</sup>

Noutra carta endereçada ao *primicerius* do cabido da Catedral de Metz, Erasmo diz ter sabido que o cabido possuía uma riquíssima biblioteca que lhe despertara o interesse, pois declara ter assumido como a sua missão trazer à luz os autores mais antigos e resgatá-los das traças e vermes.<sup>6</sup>

Voltemo-nos agora para os humanistas portugueses. Jorge Coelho na carta endereçada a Lourenço de Cáceres e que acompanhava a sua tradução de Luciano, *De dea Syria*, usa o tópico em termos muito semelhantes aos de Poliziano. Recorde-se que a carta sobrevive em duas versões diferentes: a do impresso de 1541 e uma manuscrita que se encontra na Biblioteca Pública de Évora.<sup>7</sup>

A versão manuscrita é preciosa por conter, na carta final enviada a Lourenço de Cáceres, uma afirmação explícita da parte de Jorge Coelho de que estu-

---

<sup>4</sup> *Adagia* 2. 7. 96 (Erasmo 2017: 152).

<sup>5</sup> *Tuniculum aut indusiolum diui aureis gemmatisque thecis reponimus, et libros ab illis elaboratos [...] cymicibus tineis ac blattis rodendos relinquimus.* (“Uma tunicazita, uma simples camisa de um santo colocámo-la em relicários de ouro e com pedras preciosas, enquanto os livros por eles escritos [...] deixamos que os bichos, os vermes e as traças os corroam. (Erasmo 1910, t. 2: 212 s).

<sup>6</sup> *Ego stuium meum ad hoc appuli, ut vetustissimos autores aut in lucem eruam et blattis tineisque vindicem* (Erasmo 1922, t. 4: 8).

<sup>7</sup> Sobre esse assunto vd. Martins 2020.

dara em Itália e mais concretamente em Florença — informações que a versão impressa omite.<sup>8</sup>

A carta de Jorge Coelho a Lourenço de Cáceres, contém uma narrativa sobre a fortuna da obra em paralelo com uma narrativa autobiográfica: o autor afirma que a sua tradução de Luciano fora feita quando estudava em Itália, sem grandes ambições literárias; mostrou-a a alguns amigos, mas não se deixou tentar pela publicação porque a considerou obra imatura; anos mais tarde redescobre a obra no seu espólio e decide-se a publicá-la. Nesta narrativa os insetos bibliófagos aparecem no tempo que medeia entre a primeira redação e a redação definitiva enviada a Lourenço de Cáceres, tempo em que a obra ficou no limbo abandonada às traças e vermes:

Ita plures iam annos /f. 33v/ ea nostra lucubratio cum blattis et tineis rationem habuit. Periisset autem penitus, ut fortasse merita erat, nisi mihi per hos dies, quibus ab aulica ambitione feriati sumus, scriniola mea uersanti ea ipsa in manus incidisset. (BPE, cod. 234 Manizola, ff. 33r-33v).

Há já vários anos que este nosso modesto trabalho se debatia com traças e vermes: teria até perecido, como talvez merecesse, não fosse o facto de, por estes dias em que estava de folga do ambiente de corte, me ter caído nas mãos enquanto revolvía as minhas gavetas.

A expressão *plures iam annos cum tineis et blattis rationem habuit*, é muito próxima da de Poliziano e o uso que dela fazem ambos os autores também. Apesar de não ser um prefácio, é um exemplo de retórica prefacial com a sua preocupação em justificar o autor no momento de publicar e em defendê-la antecipadamente de possíveis ataques da crítica — por outras palavras, uma tentativa de minimizar a subjetividade do autor com o concomitante e paradoxal efeito de a afirmar.<sup>9</sup>

O último texto com o tópico das traças e dos vermes que apresentamos é o prefácio de António de Castro à sua edição das obras de Cataldo.

A edição publicada por António de Sousa, baseada, segundo este erudito de Setecentos, em edição quinhentista preparada por António de Castro, apresenta

---

<sup>8</sup> São duas as referências a uma estada em Itália: a primeira, na carta dedicatória ao Infante D. Henrique (BPE cod. 234 Manizola, f. 4); e a segunda na carta a Lourenço de Cáceres (*Cum superioribus annis Florentiae, quae totius Etruriae clarissima ciuitas est, litteris Graecis operam daremus*, *ibid.*, f. 33). Causa alguma estranheza que Jorge Coelho tenha omitido tais referências na versão impressa.

<sup>9</sup> Também Jerónimo Cardoso, em carta endereçada a Pedro Gomes que o encorajou a publicar a obra, usa a expressão de modo semelhante ao que usaram Poliziano e Coelho (Cardoso 2009: 165).

um texto mais primitivo do que aquele se lê na edição *princeps* — isso já foi demonstrado por Costa Ramalho.<sup>10</sup>

Quanto à existência real dessa edição quincentista de António Castro a questão permanece envolta em dúvidas. Luís de Matos inclina-se para a parte afirmativa apoiando-se no facto de Barbosa Machado descrever essa edição de forma pormenorizada (“formato in folio, dedicatória à Infanta, prólogo ao leitor, vida de Cataldo”) e também pelo facto de a distinguir da reimpressão de Sousa.<sup>11</sup> Costa Ramalho, por sua vez, tendo assumido, durante anos, a existência da edição de Castro, reviu essa posição em 1996 e passou a admitir que houve somente a versão manuscrita.<sup>12</sup>

Também neste prefácio se encontra o tópico dos insetos bibliófagos inserido em uma retórica que em parte lembra a de Erasmo, em parte, a de Jorge Coelho. Dada a extensão do texto apresentamos a respetiva tradução em apêndice para que se possa compreender a leitura que em seguida se expõe.

Enquanto no texto de Jorge Coelho o tópico dos insetos bibliófagos se integra em uma manobra de *captatio benevolentiae* em que o autor pretendia escusar-se, no momento da publicação, das imperfeições e defender-se contra eventuais críticas dos leitores, aqui os insetos parecem não ter qualquer relação com a retórica, no entanto o texto não deixa de ser um perfeito exemplo de retórica prefacial.

O texto, com efeito, contém uma pequena narrativa editorial: Castro encontra, casualmente, em uma biblioteca um manuscrito com poesias em muito mau estado; começa a ler e, identifica o seu autor como sendo Cataldo, com base nas cartas do mesmo humanista de que tinha conhecimento; perante a qualidade da obra decide emendá-la para a dar a conhecer ao público (*in uulgas emittere*); Castro faz então uma cópia que envia aos seus amigos; estes insistem que a obra deve ser impressa; Castro, depois de alguma resistência, acede a esse pedido e dedica-se à tarefa de estudar a história de Portugal e as personagens referidas na obra; feito isso, pede aos seus amigos para que o seu nome não venha mencionado na obra; os amigos repudiam a tentativa de Castro de se esconder sob anonimato e, por último, a obra é apresentada como prestes a ser publicada.<sup>13</sup>

Na verdade, a referência à deterioração material da obra pelos vermes e traças em paralelo com o inacabamento das versões manuscritas de Cataldo servem para justificar o trabalho editorial de Castro e, por isso, os insetos não estão inteiramente desprovidos de uma função retórica que é a de exaltar o trabalho do editor que aqui fica em posição semelhante à do autor nos já citados textos

---

<sup>10</sup> Ramalho 1996.

<sup>11</sup> Matos 1954: 9.

<sup>12</sup> Ramalho 2013: 12.

<sup>13</sup> A narrativa também se encontra, embora mais resumida, na dedicatória à Infanta D. Maria.

de Poliziano ou Coelho. A diferença é que enquanto nos textos anteriores esse tópico se insere na estratégia retórica da afirmação autoral, aqui o autor-editor é uma figura esquiva disfarçada no prólogo em mais do que um momento. Com efeito, a primeira reação do público antecipada pelo editor tem a ver precisamente com a sua identidade e o seu estatuto: “Quem é este novo editor de Cataldo? De que Cimérios, Lotófagos ou Antípodas proveio?” (*Quis novus hic Cataldi corrector? Quibus nam Cymmeriis, Lotaphagis, aut Antipodibus prodiit?*). Todavia, o autor do prólogo esquiva-se a responder a esta questão pretextando a humildade de alguém que alega não ter autoridade (*auctoritas*), estatuto (*dignitas*) nem erudição (*eruditio*). A identidade do editor vem mais uma vez ao de cima no final do prólogo quando os amigos insistem que a obra seja publicada com o nome do editor. Isto conduz-nos ao problema da identidade do editor de Cataldo tão disfarçada e tão encoberta por falta de dados.

António de Castro foi identificado por Luís de Matos, embora com pouca convicção, como sendo um dos letrados da corte da Casa de Bragança (distinto do professor do mesmo nome que ensinou geografia e matemática ao duque D. Teodósio II).<sup>14</sup> Ora, se as notas são realmente de Castro, parecem pouco consentâneas com um letrado ligado à Casa de Bragança, primeiro, pelas observações que se leem, no argumento anteposto ao *De obitu Alphonsi principis*, a respeito da morte à traição do Infante D. Pedro; e, segundo e de forma mais evidente, pela recordação e pelos pormenores sobre a conspiração de D. Fernando, duque de Bragança, contra D. João II, e a sua execução em que até se sublinha a firmeza do rei.<sup>15</sup>

Em suma, os vermes e as traças que acompanham os livros desde que os há, tornaram-se matéria literária das mais diversas formas: ora como prefiguração exagerada da condenação ao esquecimento de uma obra acabada de publicar; ora inseridos em urdiduras retóricas, usuais em prefácios, que têm em vista suavizar a necessária afirmação do eu do autor que uma publicação supõe; ora como ameaça bem real à existência da literatura que justificou a glória de alguns editores que resgataram obras da destruição. Deste último, constitui um bom exemplo António de Castro, o editor quinhentista que se propôs resgatar as obras de Cataldo da destruição por vermes e traças, mas cuja identidade, que tanto porfiou em ocultar, poderá ser irrecuperável.

---

<sup>14</sup> “Castro é, ao que parece, o editor da obra de Cataldo.” (Matos 1956: 18)

<sup>15</sup> Castro 1748: 491, n. 62. Pela dedicatória à Infanta D. Maria sabia-se que a edição não poderia situar-se para lá de 1577, data da sua morte. As notas aos poemas de Cataldo fornecem, além disso, uma indicação *a quo* da data da edição, pois a respeito de Salvaterra de Magos se diz que o Infante D. Luís, irmão de D. João III, recentemente (*nostra aetate*) aí tinha construído um magnífico palácio onde estadeava longamente e se dedicava à caça (ibid.: 435, n. 40; as obras no palácio de Salvaterra de Magos situam-se no final da década de 40, cf. Correia e Guedes 1989: 32).

## APÊNDICE: TRADUÇÃO DO PREFÁCIO DE ANTÔNIO CASTRO À SUA EDIÇÃO DOS POEMAS DE CATALDO<sup>16</sup>

Eu sei, humaníssimo leitor, que assim que estas obras de Cataldo vierem a lume não há de faltar (assim é a natureza humana) quem critique a nossa obra, se não abertamente pelo menos à boca pequena, e que dando livre curso à sua natureza a hão de perseguir.

Dirão que encetámos esta obra desejosos de nome e de glória, de tal forma que mal o nosso nome – que tinha ficado intacto para estudiosos por obscuro que era mesmo entre eles e sem quaisquer pergaminhos de erudição –, chegue aos seus ouvidos e assim que ouvirem um Cataldo impenetrável aos seus ritmos, não se coibirão de dizer: “Quem é este novo editor de Cataldo? De que Cimérios, Lotófagos ou Antípodas proveio?”

A esses críticos assim vou já responder. Quando tomei a decisão de expurgar estas obras, não ignorava esse variado e numeroso tipo de pessoas bem como a sua mordacidade rábida: nem há razão por que às agulhoadas da inveja (que outrora atingiram até antigos varões da maior autoridade) possa eu escapar, eu a quem nenhuma autoridade, nenhum estatuto, enfim nenhuma erudição me respalda. Tais críticos, humaníssimo leitor, desprezei-os, confiado na tua humanidade, e contanto que atendesse a ti, não foi sem razão que os desprezei. Por isso, vou dizer-te, resumidamente, com que intento metemos mãos a esta obra.

Ao revolver em uma biblioteca diversos volumes ainda não impressos, reparo por acaso em um livro de baixa condição meio carcomido, que, por assim dizer, já quase se debatia com vermes e traças. Ao lê-lo logo me vi tocado pela majestade do poema heroico. E ao examiná-lo tranquilamente e ao compulsá-lo página a página, a sua leitura fez-me reconhecê-lo como Cataldo, assaz conhecido pelas cartas que circulam por aí com o seu nome. Por isso, ao relê-lo com mais afínco, o prazer que me deu a concinidade dos seus versos elegíacos, o chiste e o humor dos seus epigramas, fez com que começasse a pensar em expurgá-lo e, na medidas das possibilidades da nosso talento, restituí-lo à sua integridade, pois estava tudo entrecortado, mal havia entre eles algum verso com a métrica perfeita e que não necessitasse de ser limado, ou por causa da deturpação de quem escrevera ou por que o autor, apanhado por uma morte inesperada, não tivesse podido passar a última mão pela obra e desbastá-la o necessário, só pôde assim dar à luz fetos deformados a que esperava dar forma posteriormente; por mim não pensei noutra coisa que não o trazê-los a público, e que se fosse inútil para outros esta nossa empresa, que pelo menos fosse reconhecida como conscienciosa.

---

<sup>16</sup> Texto latino em Castro 1748: 393 s.

E quando faço uma cópia da obra já limpa para as pessoas que me eram mais queridas com o fito de os encantar com uma história de Portugal escrita em verso heroico: eis que insistem com pedidos importunos que eu permitisse que fossem impressos, para que assim não desfeiteasse o distinto varão da recompensa do reconhecimento, e não parecesse à posteridade que lhe tinha invejado essa mesma recompensa.

A obra, asseveravam, era tão rica que os futuros leitores haveriam de agradecer o nosso trabalho. Eu, pela minha parte, sabendo como se deixavam cegar pela demasiada afeição às nossas vigílias, alegava os nossos escassos recursos no que toca a cultura e que o nosso trabalho de edição não estava pronto para ser enviado para os prelos. Eles, porém, dizendo que assim eu era indigno de que algum notável me tratasse bem, não pararam de me importunar, até arrancarem (mais do que granjearem), de mim tal desiderato.

Por isso eu voltei a repassar a obra com mais atenção, e para que tudo fosse mais facilmente conhecido, investiguei o mais pormenorizadamente as diversas famílias de cada pessoa, os nomes, os antepassados, enfim, tudo; e não me encontrei apenas com pessoas contemporâneas dos factos históricos, mas antes fiz listas de nomes de Portugueses, li avidamente todos os livros, e não me é possível dizer o empenho e o trabalho que gastei em investigá-los.

Mas depois de ter completado aquilo que era da minha competência e depois de ter cumprido o encargo que nos fora confiado, roguei-lhes mais uma vez e implorei-lhes que pelo menos me fosse permitido omitir o nosso nome na edição de Cataldo, o que eles levaram mais a mal do que se de início eu lhes tivesse negado o meu contributo. Vencido pelos seus rogos acquiesci e para ti trazemos à luz o Cataldo que editámos com o maior esmero que pudemos: se porventura as nossas modestas contribuições te agradarem menos do que espero, considera o nosso trabalho, e se te contentas com as nossas capacidades, não exijas de nós mais do que as nossas forças conseguem — digno serás do rótulo de homem ingrato, se não estiveres satisfeito com aquilo que é oferecido por mão liberal e por sua própria iniciativa. Tudo pareceu merecedor de nota, com pequenas anotações apostas na margem e argumentos colocados em cada uma das obras que o exigia.

Sobre Cataldo, se queres a nossa opinião, tal é a majestade da obra, a sua graça, e a sua beleza, que em muitos aspetos não é inferior a nenhum poeta, e em muitos é superior a vários poetas, e todas as figuras familiares nos poetas, que Macróbio elogia em Virgílio, a cada passo as encontrarás em Cataldo.

Alargámo-nos mais generosamente nos versos sobre a morte do Infante D. Afonso; onde a estreiteza da página o não permitia, remetemos para os autores; nos outros que eram mais difíceis, rematamos brevemente, e em todos atendemos o mais possível à concisão. Resta-nos, humaníssimo leitor, que, pelo empenho com o qual quisemos prestar-te um bom serviço, te mostres reconhecido. Adeus.

## BIBLIOGRAFIA

- Cardoso, Jorge (2009), *Obra Literária. Tomo I. Prosa Latina*, estabelecimento do texto latino, introdução, tradução e comentário T. C. dos Reis, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Castro, António de (1748), “Omnia Cataldi Aquilae Siculi, quae extant, opera, denuo correctae, ac nunc primum in lucem edita [...]” in Sousa, A. C. de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. 6, Lisboa, na Regia Officina Sylviana.
- Coelho, Jorge (1540), *De dea Syria* [manuscrito]. Biblioteca Pública de Évora, cod. 234 Manizola.
- Coelho, Jorge (1540), *De Patientia Christiana*, apud Ludouicum Rhotorigum, [s.l.].
- Correia, Joaquim Manuel da Silva; Guedes, Natália Brito Correia (1989), *O Paço Real de Salvaterra de Magos*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Erasmus (1906-1958), *Opus epistolarum*, denuo recognitum et auctum per P. S. Allen et H. M. Allen, e typographeo Clarendoniano, 12 vols. Oxonii.
- Erasmus (2017), *Collected Works of Erasmus. Prolegomena to the Adages. Adagiorum Collectanea*, Toronto, Buffalo, London, University of Toronto Press.
- Leão, Delfim Ferreira; Ferreira, Paulo Sérgio; Pimentel, Cristina de Sousa; Brandão, José Luís (2004), *Marcial. Epigramas IV*, Lisboa, Edições 70.
- Martins, Armando Senra (2020) “Jorge Coelho e a tradução de Luciano *De dea Syria...*” in Pimentel, Cristina; Pinho, S. T.; Resende, M. L.; Gomes, J. P.; Brito, M.; Miranda, M. (Coords.) *O Humanismo Português e Europeu no 5.º centenário do Cícero Lusitanus: Dom Jerónimo Osório (1515-1580)*. Coimbra, Imprensa da Universidade: 69-82.
- Matos, Luís de (1954), “Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parísio Siculo,” *A Cidade de Évora*, 35-36: 3-13.
- Matos, Luís de (1956), *A corte literária dos Duques de Bragança no Renascimento*, Lisboa, Fundação Casa de Bragança.
- Mayer, Roland (ed.) (1994), *Horace. Epistles. Book 1*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Poliziano (2006), *Letters 1: Books I-IV*, Cambridge, Mass, Harvard Univ. Press.
- Ramalho, Américo da Costa (1996), “Uma carta de Cataldo a Pedro Homem,” *Humanitas*, 48: 257-265.
- Ramalho, Américo da Costa (2013), *Para a História do Humanismo em Portugal*. Vol. V, Coimbra, Imprensa da Universidade.